

Conferência de Abertura da XIII ABANNE/ IV REA - Saberes Locais e Experiências Transnacionais: interfaces do saber antropológico
Fortaleza, 4 de agosto de 2013.

**Circulação de pessoas e de coisas:
a internacionalização da Antropologia brasileira**

Carmen Rial (UFSC)

A internacionalização da Antropologia brasileira pode ser pensada como uma migração de **pessoas** e de **coisas**, de antropólogos e de seus escritos. Pessoas se deslocam para outros países para completar sua formação, em missões de trabalho de convênios, para lecionar, fazer campo. Coisas o fazem através de livros, artigos, *papers* em congressos. Me interessa explorar aqui principalmente o deslocamento de pessoas. Na primeira parte do texto, num olhar panorâmico, o deslocamento dos antropólogos e antropólogas desde o seu início até hoje; e numa segunda parte do texto, minha própria experiência de deslocamento para a França, nos anos 1980/90.

Este deslocamento apresenta muitos pontos comuns com uma pesquisa sobre a circulação de jogadores brasileiros no exterior, que realizei há dez anos, e que me levou a mais de 10 países. O deslocamento dos antropólogos brasileiros inicia nos anos 1960, o dos jogadores é mais antigo, pós-Copa do Mundo de 1930. Mas ambos aceleraram-se recentemente, embora a média de mil jogadores por ano só tenha sido alcançada na academia com o programa *Brasil Sem Fronteiras* – do qual nossos alunos de Antropologia continuam excluídos por, dizem, não serem parte de áreas prioritárias.

Tanto acadêmicos quanto futebolistas distinguem-se dos 3,5 milhões de emigrantes laborais brasileiros, por viverem no exterior em bolhas protegidas – cidades universitárias, campus no nosso caso. Frequentam espaços institucionais que têm certa homogeneidade não importando o país: estádios, centros de treinamento, concentrações, vestiários (para os jogadores) bibliotecas, salas de aula, restaurantes universitários (nós). E ambos estão

sujeitos a uma hierarquia que é comum globalmente – reitores, diretores de centro, professores, alunos, em um caso, e dirigentes, técnicos, jogadores, no outro.

Antropólogos (e intelectuais em geral) têm um tempo de permanência no exterior normalmente mais curto do que o de outros emigrantes laborais, de 2 a 4 anos. E é isto o que caracteriza nosso deslocamento (e o dos jogadores) como uma **circulação**, mais do que uma emigração.

A comparação para aqui. Os jogadores brasileiros estão espalhados por todos os continentes, vivem em mais de 100 países. As fronteiras dos antropólogos são mais limitadas. Além disto, quando no exterior, os jogadores celebridades podem receber salários milionários, de 9 a 30 milhões de reais por ano. Não conheço nenhum antropólogo brasileiro que ganhe tanto.

Como o sistema futebolístico atual, a Antropologia também surge na Europa, e se espalha pelo mundo impulsionada pelos impérios coloniais. Sempre foi internacional: como disciplina inicia usando relatos importados de viajantes e funcionários coloniais e, mais tarde, com o trabalho de campo em terras outras, no modelo de Malinowski. Mesmo quando realizado num território nacional, digamos, nos Estados Unidos ou no Brasil, ela envolve outras “nações”, indígenas, por exemplo, e alargando o conceito de nacional poderíamos ver aí uma prática internacional. Mas não farei isto, gostaria de me centrar na circulação dos antropólogos brasileiros para o exterior.

Na sua proto-história, temos a imobilidade. Móveis são os estrangeiros; como o naturalista alemão Theodor Koch-Grünberg, um dos primeiros viajantes a percorrer a Amazônia (1906)¹. Ele nos interessa aqui porque outro alemão,

¹ Ele escreve uma brilhante etnografia dos povos da região, traduzida para o português cem anos depois. Koch-Grünberg morre rápida e tragicamente no Brasil em 1924 depois de ter contraído uma forte malária. Ele estava justamente na região amazônica explorando o Rio Branco (afluente do Rio Negro) juntamente com o médico, geógrafo e explorador norte-americano Alexander H. Rice Jr., e o português, residente em Manaus, Silvino Santos. O filme dessa expedição, “O Caminho do Eldorado”, foi realizado pelo próprio Silvino. Sobre esse filme consultar Selda Vale da Costa (1987). Ver Athias, Renato, Curt Nimuendajú e as fotografias dos índios do Rio Negro. In: Tipiti - Salsa, 2013.

Curt Unkel (ou melhor Nimuendajú, tido como o primeiro antropólogo a estudar o Brasil, e aqui “fazer moradia” que é o significado do seu nome, adotado quando se naturalizou brasileiro), não só percorre o mesmo trajeto realizado por Grünberg como também, nos conta Renato Athias (2013), utiliza-se da mesma logística informada por ele em seu livro de 1906.²

Se tomo o caso Grünber-Nimuendajú é porque ele já apresenta algumas características da circulação de pessoas que se repetirão ao longo dos anos: a presença de um desbravador, a construção de um trajeto, a presença de uma rede. Isto é característico das emigrações em geral e se repetirá também com os antropólogos brasileiros nas suas idas ao exterior.

O desbravador não é só aquele que faz primeiro o trajeto e o abre aos seus conterrâneos. É quem também estabelece uma determinada logística que será utilizada pelos outros. Porque estudar no exterior não é apenas se matricular em uma Universidade. É preciso saber escolher a instituição, as disciplinas, o orientador, e também conseguir um alojamento em um campus universitário, abrir uma conta em um banco, saber usar o transporte local, conhecer o supermercado mais barato...

Claro que há nestes deslocamentos motivações pessoais e íntimas, mas estas já são mais difíceis de mapear.

Quem são os desbravadores no Brasil?

Não há dúvida que o intelectual pioneiro na internacionalização da

² Eles se correspondiam como está registrado no livro “Cartas do Sertão” (2000) onde em uma delas Grünberg diz haver um laço a lhes unir: *a afeição por essa pobre humanidade morena!*” Nimuendajú cita claramente o apoio de Germano Garrido de São Filipe do Rio Negro como seu principal colaborador nessa viagem (2000:108) tal como Koch-Grünberg. Michael Kraus (2009) dá ênfase à profunda amizade entre os dois quando cita um trecho de uma carta de Koch-Grünberg para Nimuendajú: “*Aquilo de que os dois gostavam um no outro já tinha sido formulado por Koch-Grünberg no encerramento de uma carta de 1915: “Passe bem e volte a me escrever logo. Suas interessantes cartas são para mim sempre motivo de grande alegria, sobretudo porque há um forte laço que nos une, a afeição por essa pobre humanidade morena!*”. Sobre a obra Cartas do Sertão ver: AMOROSO, Marta Rosa. Nimuendajú às voltas com a história. *Revista de Antropologia*, 2001, vol.44, n.2, USP São Paulo pp. 173-188

Antropologia brasileira foi o nordestino Gilberto Freyre. Em 1918, já o tínhamos estudando nos Estados Unidos, para onde foi com apenas dezoito anos, com bolsa da igreja Batista, estudar na Universidade Baylor, num curso de graduação. Não chega a fazer um PhD (nossa primeira PhD é também um nordestino, Eduardo Galvão), mas se diploma bacharel em *Liberal Arts*, no Texas.

Freyre em seguida passa a estudar na Universidade de Columbia, onde pode dialogar com o antropólogo alemão Franz Boas, que se manteve como uma referência intelectual por toda sua vida. Em 1922, Freyre publicou sua tese de mestrado *Social life in Brazil in the middle of the 19th century* na revista *Hispanic American Historical Review*, obtendo o título de *Master of Arts* e iniciando assim também a circulação de coisas.

Freyre esteve na origem dos estudos sobre relações raciais no Brasil, patrocinados pela UNESCO, nos anos 1950. Como nos conta Maio (1999):

O prestígio de Freyre entre os anos 30 e 50 pode ser aquilatado pelas viagens ao exterior (conferências e seminários nos EUA e Europa), pela circulação de suas ideias (publicação de artigos e livros na Argentina, EUA e França) e pela participação em fóruns intergovernamentais (ONU, UNESCO). No entanto, o reconhecimento internacional foi acompanhado, especialmente a partir da segunda metade dos anos 40, pelas primeiras críticas à sua produção sociológica (cf. Castro Santos, 1990). Além disso, Gilberto Freyre vive no início dos anos 50 uma situação paradoxal: ao mesmo tempo em que sua interpretação do Brasil, como país com lições de civilização a oferecer à humanidade, é fonte inspiradora para a política antirracista da UNESCO, torna-se discurso intelectual (luso-tropicalismo) legitimador do Império Colonial Português (cf. Thomaz, 1996). Enfim, acredito que o projeto UNESCO possa ser visto como um momento privilegiado para se observar as contendas em torno da obra de Gilberto Freyre³.

³ MAIO, Marcos Chor. Tempo controverso: Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO. *Tempo soc.*, São Paulo , v. 11, n. 1, May 1999 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701999000100006&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Sept. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20701999000100006>.

Por sua passagem pela Columbia, é bem possível que Freyre esteja, de algum modo, na origem também de um importante projeto sobre relações raciais desenvolvido por Charles Wagley na Bahia, 30 anos depois⁴, que, como sabemos, chamou-se *Bahia State –Columbia University Community Study Project* (1951–52). Charles Wagley, estudante de Franz Boas e Ruth Benedict, estivera antes no Brasil (1939-40) pesquisando em diferentes regiões da Amazônia⁵. Para o que nos interessa aqui, vale ressaltar sua colaboração com o antropólogo baiano Thales de Azevedo, que fez com que coordenassem conjuntamente o *Bahia State–Columbia University Project* . Esse projeto pioneiro de pesquisa comparada resultou no livro de Wagley *Race and Class in Rural Brazil* (1952, 1964); e também no *Minorities in the New World: Six Case Studies* (1958), que escreveu com Marvin Harris, o famoso antropólogo norte-americano que esteve no Brasil (e foi orientador de Dennis Werner, depois professor na UFSC). Vejam a rede.

Thales nunca viajou aos Estados Unidos, embora tenha publicado um artigo lá. Seu trabalho no exterior mais conhecido foi em francês, para a UNESCO: *Les élites de couleur dans une ville brésilienne*, UNESCO, Paris (1953)⁶.

Se foi a colaboração de Thales de Azevedo e Charles Wagley que esteve na origem da formação do segundo antropólogo brasileiro no exterior, não posso afirmar: Eduardo Galvão – PhD pela Universidade de Columbia, em 1952,

Castro Santos, Luiz Antônio. (1990) O Espírito da aldeia. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, 27:45-66.

Thomaz, Ornar Ribeiro. (1996) Do saber colonial ao luso-tropicalismo: "raça" e "nação" nas primeiras décadas do salazarismo. In: Maio, M. C. & Santos, R. V. (orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro, Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, p. 85-106.

⁴ Peter Fry, Livio Sansone e Lilia Schwarcz fizeram um colóquio e escreveram sobre isto quando completava 50 deste projeto.

⁵ Seu artigo de 1940 "The Effects of Depopulation upon Social Organization, as Illustrated by Tapirapé Indians" é um clássico da Antropologia Demográfica. Publicou outros: *The Tenetehara Indians of Brazil* (1949). *Amazon Town: a Study of Man in the Tropics* (1953, 1976) – sobre Itá, um vilarejo produtor de borracha. Seu último livro foi *Welcome of Tears: The Tapirapé Indians of Central Brazil* (1977) traduzido para o português em 1988.

⁶ Editado em português como o vol. 282 da Série Brasiliiana da Cia. Editora Nacional (1955) e mais recentemente pela U. F. da Bahia (1996).

sob a direção de Wagley – já trabalhava no Museu Nacional desde 1942 e foi ali que manteve contato com Wagley.

Ainda que não tenha levado outros estudantes brasileiros para os Estados Unidos, Wagley teve grande importância no treinamento de toda uma geração de norte-americanos em temas sobre o Brasil. E não é à toa que Gainsville, na Florida, cidade onde lecionou e onde faleceu, até hoje abriga a maior coleção bibliográfica sobre a América do Sul nos Estados Unidos – que pude conhecer recentemente e alguns títulos disponibilizamos no site da ABA.

Como nos conta Mariza Corrêa, Wagley foi decisivo também na institucionalização da Antropologia no Brasil⁷. Ele ajudou a fundar a ABA, por exemplo, na reunião de 1954 realizada no Nordeste – uma segunda reunião, pois a primeira, no Rio de Janeiro, não por acaso realizada por ele também, pois contava com a experiência de ter sido um dos organizadores do Congresso dos Americanistas de 1952, no Brasil, juntamente com Florestan Fernandes – quando as fronteiras disciplinares eram porosas na época, especialmente entre a Sociologia e a Antropologia.

René Ribeiro, ex-presidente da ABA, também estudou nos Estados Unidos, na Northwestern University, nos anos 1948 e 49, realizando um mestrado com Herskovits, que havia conhecido quando da visita dele ao Brasil:

Em setembro de 1941, Herskovits veio ao Brasil. Fez conferências no Rio de Janeiro, Salvador e Recife e desenvolveu uma pesquisa na Bahia, onde permaneceu por seis meses (cf. Azeredo, 1986, p. 129-130; Herskovits, [1943] 1967, p. 394). A escolha da Bahia deveu-se à preservação não apenas dos "aspectos culturais oriundos da África, mas também pela singularidade do ajustamento dos padrões africanos com as demandas de uma cidade moderna, como Salvador, com relativa ausência de dificuldades em conciliar estes dois estilos de vida" (Herskovits, 1943, p. 264).

A passagem de Herskovits por Recife causou certo impacto, por conta de sua

⁷ Corrêa, Mariza. *Traficantes do Excentrico - os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60*. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_06/rbcs06_05.htm. Consultado em 31 de julho de 2013.

visão sobre a possessão nos cultos afro-brasileiros como fato cultural e não patológico. Esse enfoque mudou a orientação dos estudos até então realizados e atraiu a atenção de René Ribeiro (cf. Ribeiro, 1963, p. 287)⁸.

No que concerne à circulação de **coisas**, é importante assinalar a fundação da revista *Pindorama*, em 1937, pelo antropólogo catarinense Egon Schaden, ex-aluno de Lévi-Strauss na USP, e seu pai, o etnólogo alemão Francisco Serafim Guilherme Schaden. Editada em língua alemã, *Pindorama* objetivava divulgar artigos de intelectuais brasileiros para o público alemão⁹. Antecipa assim em 70 anos o projeto da Vibrant. Schaden está também na origem da *Revista de Antropologia*, que existe até hoje, e que foi a base para a criação de uma pós-graduação em Antropologia na USP – mas esta era mais nacional.

Como arena de contato internacional, é de importância capital o *XXXI Congresso dos Americanistas* organizado, como vimos, em São Paulo, por ocasião do *IV Centenário de Fundação* da cidade. Nele estava presente o grupo de São Paulo, formado por Egon Schaden, Antonio Cândido, Gioconda Mussoline e José Francisco de Camargo, que por dois anos reuniu-se para ler e discutir antropólogos estrangeiros: Malinowski, Radcliffe-Brown, Evans-Pritchard, Redfield, Herskowitz, Firth... alguns em separatas de revistas, pois ainda não estavam publicados em livros¹⁰. Foram todos alunos da missão dos franceses fundadores da USP, da qual fez parte Roger Bastide e Lévi-Strauss. Sob a orientação de Bastide, M. Isaura Pereira de Queiroz defende seu doutorado na École mais tarde, em 1960, sobre o messianismo no Contestado, tornando-se a primeira mulher a concluir um doutorado fora do Brasil, e publica artigos em revistas de renome na França.

⁸ MAIO, Marcos Chor. Tempo controverso: Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 11, n. 1, May 1999.

⁹ Martins, Pedro e Welter, Tania. “Pioneirismo e Antropologia: Francisco e Egon Schaden no Imaginário de São Bonifácio”. *REVISTA USP • São PAULO • n. 92 • P. 201-209 • dezembro/fevereiro 2011-2012*. Disponível em <http://egonschaden.files.wordpress.com/2013/02/artigo-publicado-na-revista-da-usp.pdf>. Consultado em 31 de julho de 2013.

¹⁰ Jackson, Luiz Carlos. *A tradição esquecida: os Parceiros do Rio bonito e a sociologia de Antônio Cândido*. Belo Horizonte, ed. UFMG, 2002.

E assim voltamos à circulação de pessoas. É muito possível que Eduardo Galvão tenha ajudado na ida dos outros brasileiros para Harvard. Mas o papel decisivo, sem dúvida foi o de um britânico, nascido em Hyderabad (atual Índia), e que veio ao Brasil para o *Congresso dos Americanistas* graças ao encontro com o professor alemão Herbert Baldus no congresso anterior, em 1952, na Inglaterra. Refiro-me a David Maybury-Lewis.

Além de atuar na institucionalização da Antropologia, ajudando a criar o PPGAS no Museu Nacional¹¹, ele está na origem do projeto *Harvard-Brasil Central*, para estudo dos grupos Gê, financiado pela Fundação Ford (na época, segundo Afrânio Garcia, interessada em sustentar intercâmbios esperando conter assim um suposto avanço do marxismo¹²). Capitaneados por Roberto Cardoso de Oliveira e David Maybury-Lewis, a primeira leva organizada de estudantes partiu para os Estados Unidos – já estamos nos anos 1960, o projeto foi assinado em 10 de maio de 1963.

Foi, portanto, a colaboração de Roberto Cardoso de Oliveira com David Maybury-Lewis que permitiu que os estudantes do recém-formado curso de pós-graduação no Museu, Roberto da Matta, Roque de Barros Laraia e Júlio César Melatti, obtivessem uma bolsa da Ford para viajar. Da Matta e Laraia viajaram, mas Melatti, dado o falecimento do pai, desistiu do curso na última hora, viajando mais tarde e assistindo a seminários. Da Matta obteve seu PhD em Harvard, e Melatti e Laraia (este, aliás, não estudava os Gê) voltaram para defender a tese na USP (na época, a USP era a única instituição que outorgava títulos de doutor).

Ruy Coelho (1920-1990), com trabalho de campo em Honduras (Os Caraíbas Negros de Honduras) para sua tese de doutorado, inaugura os campos

¹¹ David Maybury-Lewis, da Universidade de Harvard, se associou a Roberto Cardoso e a Luiz de Castro Faria e desta associação está na origem do primeiro pos-graduação em antropologia, o do Museu Nacional.

¹² GARCIA JR., Afrânio. Fundamentos empíricos da razão antropológica: a criação do PPGAS e a seleção das espécies científicas. *Maná* [online]. 2009, vol.15, n.2 [cited 2013-07-31], pp. 411-447. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132009000200004&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-9313. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132009000200004>. Consultado em 31 de juho de 2013.

distantes na América¹³.

Os anos 1970 viram mais os antropólogos se voltarem para a Europa. Otávio Velho, o primeiro a defender uma dissertação de mestrado no Museu, sustentou a tese de doutorado na Universidade de Manchester, na Grã-Bretanha, em 1973, mesmo ano em que M. Andrea Loyola, em Nanterre; Moacir Palmeira defendeu antes, em 1971, na Universidade de Paris; Ruben Oliven, na Universidade de Londres em 1977, entre outros. Eram os anos da ditadura militar, e o exílio de intelectuais brasileiros, como disse, foi motivação para os doutoramentos no exterior, assim como teria consequência na importação de ideias (como as feministas) e na gestação de teorias conjuntas (como a teoria da dependência). Os intelectuais citados não foram ao exterior devido à ditadura (esta pode ter sido uma influência secundária), mas porque já eram professores de instituições de ensino federais e o sistema de pós-graduação no Brasil em implantação precisava de doutores.

Os Estados Unidos continuavam como uma destinação importante. Para lá foi Bela Feldman-Bianco, que, paralelamente a sua tese de doutorado na Columbia University¹⁴, desenvolve o projeto Portuguese Oral History, para a Dortmund University, realizando o vídeo *Saudade* (1991)

É importante notar que a formação internacional de pessoas ocorreu simultaneamente com uma profissionalização¹⁵, quer dizer, os estudantes formados no exterior encontraram postos de trabalho no retorno ao Brasil, dada a expansão da pós-graduação iniciada nos anos 1970 (os doutorados em Antropologia do Museu, UnB, UNICAMP foram criados no final dos anos 70 a início dos 80 sendo seguidos depois pela UFRGS, UFPE, UFSC, etc. nos anos 1990.)

¹³ Antonio Candido assim o definiu: "O antropólogo e o sociólogo eram ao mesmo tempo um homem de saber universal, capaz de circular com toque próprio, servido por um admirável estilo, da literatura à lógica, da sociologia ao cinema".

¹⁴ The Petty Supporters of a Stratified Order: The economic entrepreneurs of Matriz, São Paulo, Brazil (1883-1974).

¹⁵ Ponto ressaltado por Afrânio Garcia, em conversa pessoal.

No caso do centro do País, Rio de Janeiro (Museu), Campinas (Unicamp) e também no de Brasília (UNB), este desbravador foi Roberto Cardoso de Oliveira, como mostra bem o texto do Afrânio Garcia publicado na revista *Mana*. Foi RCO que ajudou a criar as pós-graduações (a de Brasília atendendo convite do seu ex-aluno, Roque Laraia) e enviou para o exterior alunos. Além dos já citados, Luis Roberto Cardoso de Oliveira e Marisa Peirano se formaram em Harvard.

E nos outros lugares, quem são os desbravadores? Desbravadores, dissemos, não são apenas os que vão na frente, mas os que criam uma logística a ser repetida e facilitam o ingresso na bolha acadêmica.

O sul do Brasil, especialmente os seus cursos principais, teriam tudo para se voltarem também para os países anglo-americanos. Afinal, Ruben Oliven, um dos iniciadores da pós-graduação na UFRGS, fez sua formação na Inglaterra, e Sílvio Coelho dos Santos, o iniciador da pós-graduação em Santa Catarina, mesmo que não tenha estudado no exterior, foi aluno de RCO, colega de turma de Roque Laraia, e, portanto, tinha relações com Harvard através dessa rede.

Tanto Ruben quanto Silvio contrataram para as suas pós em formação professores estrangeiros: na UFRGS, Claudia Fonseca, norte-americana com formação na França, e na UFSC, Jean Langdon e Denis Werner, norte-americanos, que vieram quase ao mesmo tempo em que outros antropólogos estrangeiros: Parry Scott para Recife, Peter Fry e Verena Stolken para a Unicamp e, a convite destes, Diana Brown e Mário Bick. É interessante notar que os estrangeiros contratados não criaram redes migratórias com seus países de origem. E muitos nem retornam ao país de origem nos seus pós-doutorados. Uma explicação possível é que tenham emigrado cedo, antes de terem construído redes lá.

A maioria dos professores estrangeiros radicados aqui veio da Inglaterra ou dos Estados Unidos. No entanto, se observarmos o destino preferencial dos

professores do sul que se deslocaram para o exterior, é a França quem aparece com destaque. Lá, Miriam Grossi (e Claudia Fonseca) tem um papel de desbravadora, na origem do doutoramento de vários professores no sul, e outros atualmente em outras universidades. Tendo estudado em Paris ainda muito jovem, ela retorna com bolsa do governo francês para fazer o mestrado e doutorado em Paris V, em 1982, e foi quem mediou, atuando na tradução em Paris V, o estabelecimento do primeiro acordo Capes-Cofecub da UFRGS com essa Universidade (na formulação do qual Claudia Fonseca foi importante, pois foi Colette Petonnet, sua orientadora no doutorado, quem sugeriu o Jacques Gutwirt para a coordenação francesa do projeto. “Porque ele sabia português e dava aula em Paris V”, segundo ela. E porque Petonnet era pesquisadora do CNRS, sem vínculo profissional com universidades).

Outros convênios CAPES-COFECUB se estabelecem então: o liderado por Roberto Motta em Pernambuco com Paris V, o de Lygia Sigaud com a Escola Normal Superior, Kant com Nanterre, ou em Fortaleza, com o grupo de Laplantine em Lyon.

Na França, alguns professores vão se destacar neste diálogo com o Brasil. Michel Mafessoli é provavelmente o orientador que mais estudantes brasileiros acolheu, criando um centro de pesquisa nos anos 1990.

Na década de 1990 também tivemos uma leva de brasileiros dirigindo-se ao exterior para lecionar: Da Matta (Church University), Manuela C. Da Cunha (Colombia) , mais recentemente Teresa Caldeira (U. of California, Berkeley). Nos anos 2000, os contatos de Eduardo Viveiros de Castro (Museu) com o College de France (P. Descola) e com o Museu do Quai Branly (C. Taylor) por um lado, e com a University of Andrew por outro, inserem-no numa rede com grande penetração internacional, o perspectivismo tornando-se uma das teorias *made in Brazil* com mais eco no exterior atualmente.

O levantamento que fiz [cruzando dados](#) dos sites oficiais dos Programas de

Pós-Graduação em Antropologia [com os currículos Lattes dos professores Permanentes arrolados nos sites](#) mostra que a internacionalização nas formações varia bastante [de uma instituição à outra](#).

[Vejamos os números da internacionalização dos cursos com notas 5, 6 e 7 na CAPES, ou seja: Museu Nacional e UNB \(7\), UFRGS e USP \(6\) e UFF, UFSC e UNICAMP \(5\)](#)¹⁶.

Entre os cursos de excelência, o Museu Nacional tem quase metade dos docentes com mestrado, doutorado ou pós-doutorado realizado no exterior: nove dos 21 professores permanentes. Mas cinco não apresentam vínculo formal com o exterior¹⁷.

A UNB tem mais, 12 dos 19 professores permanentes com formação no exterior, com uma grande concentração em pós-doutorados: oito. E quatro não apresentam vínculos com o exterior¹⁸. Na UNB, a internacionalização dos seus professores é alta, mas não por conta da formação. Os vínculos com os seus professores é maior em relação ao trabalho de campo, muito por conta do papel desbravador do Wilson Trajano, na África.

[Entre os cursos 6, a distância é enorme.](#) A Antropologia da UFRGS tem uma sólida inserção internacional. Dos seus professores permanentes (17), apenas três (17,6%) não têm formação no exterior. Já a USP apresenta uma baixa internacionalização na formação dos professores, [apenas nove realizaram formação no exterior. Dez](#) dos seus [vinte e um](#) professores não mostram vínculos com o exterior nos seus currículos. E isto que conta com dois professores estrangeiros no quadro¹⁹.

[Entre os cursos 5, a UFSC aparece como uma das mais internacionalizadas quanto à formação dos professores.](#) Dos 22 professores permanentes,

¹⁶ A pesquisa foi realizada em 2013. Em 2014, após a divulgação da avaliação trienal, as notas de alguns destes cursos subiram e outros passaram a nota 5.

¹⁷ G: BF, EB/ S:R M:FN D:MP,OV,YL PD:AV, CF, EVC, JSLL,LFDD, Oli/O: MG /SemV: AF,ARBV,GS,JPO,MLCS.

¹⁸ M: Pi,LRCO,SB/ S:CS,JB D:LRCO, PD: Carla, CPatr, G, J, Lia, K, SB, O:ASL,Da, Ant, SV:Cri,G, Mar,So.

¹⁹ M: J, Ma,Pa/ D: J, PD:B,F,H,S.

apenas um não teve parte de sua formação acadêmica no exterior²⁰.

Contribui para isto o fato de apresentar maior número de professores estrangeiros: sete com grande diversidade de origem, seis países.²¹

[Na UNICAMP a internacionalização é média:](#) dos 15 docentes permanentes, sete obtiveram formação em instituições estrangeiras [mas](#) cinco não apresentam nenhuma relação internacional²² [registrada no Lattes](#).

[Na UFF, **@](#)

No PPGAS da UFPE, em Pernambuco, dos 15 professores apenas quatro não apresentam formação no exterior, e essa é bem variada: França, Holanda, Inglaterra, Alemanha.

Assim, chegamos ao seguinte quadro:

<i>Instituição/Professores Permanentes</i>	<i>Graduação</i>	<i>Mestrado</i>	<i>Doutorado</i>	<i>Pós-Doutorado</i>	<i>Outros**</i>	<i>Sem vínculos com exterior</i>
<i>UFRGS - 17</i>		4	9	2	4	0 - 0%
<i>UFSC - 22</i>	2	6	11	11	1	1 - 4,5%
<i>UNB - 19</i>	1	3	3	8	3	4 - 21%
<i>Museu Nac. - 21</i>	2	1	3	6	4	5 - 23,8%
<i>UFPE - 15</i>		1	4	6	1	4 - 26,6%
<i>UNICAMP - 15</i>	3	3	2	3	3	5 - 33,3%
<i>UFRN - 12</i>	1	1	3	3	2	5 - 41,6%
<i>USP - 21</i>	5	3	1	4	2	10 - 47,6%

Fontes: sites dos cursos e lattes dos professores Permanentes

*Diplôme d'études appliquées (D.E.A) foi considerado como mestrado

** Foram considerados aqui somente os professores que não tiveram formação (Graduação, Mestrado, Doutorado e Pós Doutorado), mas fizeram especializações, estágio docência, sanduíche, foram docentes convidados, e mantiveram relações com institutos de pesquisa estrangeiros.

O quadro mostra que o número de docentes com pós-doutoramentos no exterior já está superando o número de docentes com formação plena. De fato, uma análise dos currículos mostra que as novas gerações de professores tem se formado no Brasil e mantido com o exterior relações pós-

²⁰ [M:MH,MG,CR,S,SM,V D:A1,CR,E,J,Ev,Je,K,MG, S, SM,V, PD:Il,Ma,A1,An,Cr,MG,O,J,RB,SM,T S:RD.](#)

²¹ [Estados Unidos \(2\), Argentina, Venezuela, Espanha, Alemanha e França.](#)

²² [M:Em,S,V D:Em,M, PD:G, HP, Om, O:A,MFG, SV:Am,J,N,Ri,Ro](#)

doutoramento. Observa-se, portanto, uma fase de desinternacionalização da formação plena entre as novas gerações de antropólogos que ingressaram como docentes nos Programas de Pós-Graduação, e que dirigim-se para o exterior para realizar pesquisas ou para complementar suas formações em convênios, estágios pós-doutoriais ou para lecionar.

No caso dos doutoramentos e das pesquisas de campo, nota-se também uma mudança na geografia política acadêmica, com a crescente opção entre os brasileiros de pesquisarem fora de suas fronteiras nacionais.

Experiência de pesquisa transnacional

Minha geração, como as que a antecederam, voltava-se para o norte. Era nos países centrais que íamos buscar teorias: França, Estados Unidos, Inglaterra para aplicar aqui. Num movimento contrário ao das antropologias centrais, que se dirigiam para uma alteridade distante geograficamente, a nossa sempre se voltou para si. Queríamos teorias que nos ajudassem a entender o local. Mas, diferentemente dos europeus e norte-americanos que vieram para as Américas para encontrar grupos indígenas, procurávamos no Norte teorias que explicassem também as sociedades urbanas, complexas.

Ao final dos anos 1980, um grupo de antropólogos resolveu virar o jogo, e passou a estudar as sociedades de fora do Brasil. Fui uma dos que tomaram este caminho: em 1984, escolhi como objeto de pesquisa os fast-foods em Paris, que, então apareciam como uma ameaça globalizada à cozinha local francesa (Rial 1985)²³.

²³ De fato, inicialmente a proposta no D.E.A. era de estudar o movimento ecologista no Brasil, tomando como foco a autoconstrução de casas ecológicas por indivíduos de camadas médias. Mas isto foi rechaçado por não ser considerado na França suficientemente etnológico estudar um grupo tão próximo – era um tempo em que a antropologia urbana, consolidada no Brasil, engatinhava na França. O estudo dos fast-foods foi aceito, graças a sua inserção em um campo de conhecimentos reconhecido, o da antropologia da alimentação e menos por exemplificar o processo de globalização cultural.

Ao final dos anos 1980 e início dos 1990, também na França, Cornelia Eckert (1992) estudou os mineiros na Grand-Combe sul do país, e a Clarice Peixoto (*), a velhice em Paris. Luis Roberto Cardoso de Oliveira (1989) estudou as cortes legais de pequenas causas nos Estados Unidos; Gustavo L. Ribeiro (1988), uma represa na Argentina e Paraguai. É possível que tenham havido outros nos anos 1980 e no início dos anos 90 não listados, como Trajano (), com os músicos da Guiné-Bissau. Mas foram raros; há poucas teses com trabalhos de campo realizados no exterior nessa época.

Se digo que foi uma ruptura é porque o que era preconizado como objeto legítimo para nós, antropólogos brasileiros, estaria confinado as fronteiras nacionais e aos povos indígenas. Tanto é assim que a antropóloga Martin Segalen chegou a fazer uma correspondência direta entre áreas geográficas e objetos de estudo possíveis. Em um livro de 1990, ela diz:

"...o xamanismo e a mitologia são estudados pelos Americanistas, enquanto que os especialistas no Oriente Médio tradicionalmente se debruçaram sobre os problemas técnicos ligados ao nomadismo." ²⁴.

Ora, não nos interessava estudar xamanismo ou mitologia, mas era isto o que se esperaria de uma antropóloga "Americanista". Em uma postura colonial – que de algum modo ainda permanece – a França dividia os antropólogos em Africanistas, Oceanistas ou Americanistas. Quando me perguntavam, e perguntam, respondo que sou Europeísta. Por que não fazê-los nativos?

Achava – e penso ainda – ser importante contestar argumentos como o de Segalen no "L'autre et le semblable", onde diz, se referenciando a Antropologia urbana: só faz sentido estudar o nós, le semblable, na Europa e

²⁴ Chaque terrain suscite en effet des questionnements qui lui sont spécifiques, liés à la tradition anthropologique qui s'y est instaurée, mais aussi aux traits culturels ou sociaux qui lui sont propres: le chamanisme et la mythologie sont étudiés par les Américanistes, tandis que les spécialistes du Moyen-Orient se sont traditionnellement penchés sur les problèmes techniques liés au nomadisme" (traduzido por mim). Segalen, Martine "Introduction" dans Segalen, M. (ed.) *L'autre et le semblable*. Paris, Presses du CNRS, 1989:11.

na América do Norte.

Lia-se nos manuais franceses que a diferença entre Sociologia e Etnologia é que a Sociologia estuda em sociedades industriais, e a Etnologia em grupos primitivos. Marc Augé escreveu “Um antropólogo no metrô” nos anos 1990, e foi um precursor. Colette Pettonet nos anos 1980 era conhecida pelo trabalho com emigrantes na periferia, não por suas incursões no cemitério Père Lachaise ou nas feiras de bairro.

@

Metodologicamente, creio que a pesquisa sobre a globalização que tomou os fast-foods como um exemplo, colocou a necessidade deste repensar do campo de pesquisa. Não só me era inaceitável a divisão do planeta entre Oceanistas, Africanistas e Americanistas, frequentemente aludida, como também era inaceitável que os procedimentos metodológicos clássicos da disciplina se mantivessem intactos na sua transposição das chamadas sociedades tradicionais para as sociedades complexas-moderno-contemporâneas. A ideia de "etnografias cujo campo é o planeta" (de Hannerz, 1992) não era então usual. Defendi a necessidade de um campo necessariamente em consonância com o objeto da pesquisa, o que no caso implicava um esfacelamento da noção de campo tradicional e a definição de limites mais fluídos. A pesquisa sobre a circulação dos jogadores brasileiros no exterior que tenho em andamento a fiz em mais de dez países.

Hoje, não vamos mais ao norte buscar teorias. Vamos explicar o norte para o norte, o sul para sul. São cada vez mais frequentes as pesquisas que têm campo em outros países – que dialogam com a realidade brasileira, evidentemente, mas são realizados fora do Brasil. Temos etnografias sendo realizadas na China, Timor Leste, Haiti, África do Sul e Europa... Suspeito até que um estudante que tenha um objeto de pesquisa localizado exclusivamente no Brasil, terá dificuldade em obter apoio financeiro para estudar no estrangeiro.

E estamos ganhando postos de trabalho no exterior. Se antes importávamos professores, podendo se contar nos dedos os brasileiros que lecionavam nos

grandes centros acadêmicos no exterior, hoje é cada vez mais frequente a contratação de brasileiras e brasileiros. E não são contratados apenas os que já tinham uma carreira consolidada no Brasil. Jovens ingressam em Oxford ou Manchester, sem grande experiência prévia.

Mudou. E também em termos de formação. O que se nota claramente é que em anos mais recentes, com a consolidação da pós-graduação no País, a formação no exterior deixou de ser exclusivamente o mestrado e o doutorado para passar a ser preferencialmente estágios sanduíches e pós-doutoramentos.

Os encontros entre a Antropologia Brasileira e uma estrangeira, em colóquios menores e mais intensos, tem se multiplicado. Além da REA e da RAM, temos o Embra criado no México e que terá o seu segundo encontro em novembro, em Brasília, o colóquio franco-brasileiro de Natal, já no seu segundo encontro, e recentemente o Transoceanik, em Florianópolis, que reuniu australianos, franceses e brasileiros.

A língua ainda é uma grande barreira na circulação das coisas. Nota-se uma maior facilidade dos que se formaram no exterior em publicar na língua de sua formação. A VIBRANT, que já tem dez anos, pretende ser um veículo para essa internacionalização da Antropologia, seguindo os passos da *Pindorama*. De fato, não são oceanos necessariamente que nos separam, mas a barreira da língua: tanto é assim que no congresso da Associação Portuguesa de Antropologia de setembro, em Portugal, 47% dos *papers* aprovados foram propostos por brasileiros²⁵.

Penso nos convênios como grandes propulsores de internacionalização. São espaços acadêmicos de intercâmbio mais igualitário, mesmo quando envolvendo antropologias do norte-global, e permitem um diálogo com antropologias outras que as diretamente envolvidas no acordo. Por exemplo,

²⁵ E a participação em congressos no exterior também é marcada por esta filiação inicial: a maioria dos que assistem a AAA fez formação nos Estados Unidos, já a IUAES, do qual participam poucos brasileiros, é mais global.

muito se aprende sobre a Indonésia (ex-colônia) nos convênios com a Holanda (ex-metrópole). Muito se aprende sobre a África nos convênios com Portugal.

A circulação de **pessoas** favorece enormemente, claro, a de **coisas**. Embora a Antropologia não tenha acesso a todos, a CAPES financia convênios de brasileiros com 20 países²⁶. Muitos resultam em cotutelas, em publicações conjuntas, e um, o Saint-Hilaire, é voltado para a publicação entre equipes brasileiras e francesas.

Enfim, estamos num momento de expansão para o estrangeiro distante, pois a antropologia do perto e do estrangeiro próximo nós já a fazemos há muitos anos. Não penso que vamos chegar a uma situação como a dos jogadores de futebol (o Brasil recebeu só nestes seis primeiros meses de 2013 mais de 180 milhões de dólares por conta da venda de jogadores. E olhe que não é o primeiro na América Latina, a Argentina recebeu mais de 220 milhões de dólares).

Não queremos repetir esta exportação de talentos na acadêmica, seria uma fuga de cérebros. Mas fazer conhecer a Antropologia brasileira alhures, isto é, sim, um objetivo louvável. E possível.

Referencias

Bianco,Bela Feldman.1981.The Petty Supporters of a Stratified Order: The economic entrepeneurs of Matriz, São Paulo, Brazil (1883-1974).Tese de Doutorado. Columbia University, COLUMBIA, Estados Unidos.

Cardoso de Oliveira, Luis1989. Fairness and Communication in Small Claims Courts.Tese de doutorado. Harvard University.

Eckert, C. 1992. Une ville autrefois minière: La Grand-Combe. Etude d'anthropologie sociale. Tese de doutorado. Université Renné Descartes- Sorbonne.

²⁶ Alemanha, Argentina, Bélgica, Canadá, Chile, China, Cuba, Espanha, Estados Unidos, França, Haiti, Holanda, Itália, Japão, México, Portugal, Reino Unido, Timor Leste e Uruguai.

- Fry, Peter. 2004. Internacionalização da disciplina. *In* O campo da antropologia no Brasil .Wilson Trajano Filho e Gustavo Lins Ribeiro, eds. Pp. 227–248. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria/Associação Brasileira de Antropologia.
- Grossi, Miriam.1988. Representations sur les femmes battues - la violence contre les femmes au Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado. Université de Paris V - Renné Descartes (Sorbonne).
- Leal, Ondina Fachel.1989.The Gauchos: Male Culture and Identity. Tese de Doutorado. University of California, Berkeley. Estados Unidos.
- Lima, Antonio Carlos Motta de.1998.L'autre Chez Soi. Emergence et construction de l'objet en antropologie: le cas brésilien. Tese de Doutorado. Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris.
- Loyola,Maria Andrea.1973.Les ouvries et le populisme. Tese de Doutorado. Université de Paris X, Nanterre, França.
- Motta, Roberto Mauro Cortez.1983. Food for Thought: The Xangô Religion of Recife, Brazil. Tese de Doutorado. Columbia University, Estados Unidos.
- Oliveira, Luis Roberto Cardoso de.1989.Fairness and Communication in Small Claims Courts.Tese de Doutorado. Harvard University, Estados Unidos.
- Oliven. Ruben George.1977.Urbanization and Social Change: a case study of Porto Alegre. Tese de Doutorado. University of London, Inglaterra.
- Peirano, Mariza Gomes e Souza.1981.The Anthropology of Anthropolgy: The Brazilian Case. Tese de Doutorado. Harvard University, Estados Unidos.
- Pereira, Moacir Gracindo Soares.1971.Latifundium et Capitalisme au Brésil: lecture critique d'un débat. Tese de Doutorado. Université de Paris V - Renné Descartes (Sorbonne).
- Queiroz, Maria Isaura Pereira de.1960. La Guerre Sainte au Brésil: le Mouvement Messianique du Contestado.Teses de Doutorado. École Pratique Des Hautes Études VI Section. Paris, França.
- Rial, Carmen Silvia. 1985. Manger-Show: les fast-food a Paris. D.E.A., Université de Paris V - Renné Descartes (Sorbonne).

_____. 1992. Ça se passe comme ça chez les fast-foods: Etude anthropologique de la restauration rapide. Tese de doutorado. Université de Paris V - René Descartes (Sorbonne).

Ribeiro, Gustavo Lins. 1988. Developing the Moonland: The Yacyreta Hydroelectric Dam. Tese de doutorado. City University of New York.

Trajano Filho, Wilson. 1998 Polymorphic Creoledom: The “Creole” Society of Guinea- Bissau. Tese de doutorado. University of Pennsylvania.

Velho, Otávio Guilherme Cardoso Alves. 1973. Modes of Capitalist Development, Peasantry and the Moving Frontier. Teses de Doutorado. University of Manchester, Inglaterra.

Victora, Ceres Gomes. 1997 Images of the Body: Lay and Biomedical Views of the Reproductive System in Britain and Brazil. Tese de doutorado. Brunel University.

Zarur, George de Cerqueira Leite. 1975 Seafood Gatherers in Mullet Springs: Economic Rationality and the Social System. Tese de doutorado. University of Florida.